



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 6 DE ABRIL, DE 2026 - 21H00



“Irmão, Onde Estás?” (O Brother, Where Art Thou?, 2000), realizado pelos irmãos Joel Coen e Ethan Coen, é um filme curioso que entra em conflito consigo mesmo, de um lado é uma comédia popular, exuberante e musical, e do outro uma reinvenção erudita de um dos textos fundadores da literatura ocidental, a Odisseia de Homero. O extraordinário deste filme está precisamente nessa capacidade de transformar um poema épico com quase três mil anos numa fábula americana passada no Sul profundo durante a Grande Depressão e fazê-lo com uma leveza narrativa que raramente denuncia a sofisticação da construção.

A história segue três presidiários que fogem de um campo de trabalhos forçados no Mississippi dos anos 30: o falador e vaidoso Ulysses Everett McGill (George Clooney), o ingênuo Delmar O'Donnell (Tim Blake Nelson) e o mal-humorado Pete Hogwallop (John Turturro). Everett convence os companheiros a acompanhá-lo numa missão para recuperar um suposto tesouro escondido antes que a região seja transformada por uma nova obra hidráulica. Naturalmente, a promessa de riqueza funciona sobretudo como motor da fuga e como pretexto para uma viagem que rapidamente se torna uma loucura quixotesca cheia de encontros improváveis e desvios inesperados. É neste desfile de episódios que o filme revela a sua estrutura mais profunda. Tal como o Ulisses homérico atravessa ilhas habitadas por ciclopes, sereias e deuses caprichosos, também os protagonistas desta comédia atravessam uma América rural povoada por equivalentes grotescos dessas figuras míticas. Um vendedor de Bíblias cego assume o papel de profeta errante; três mulheres que cantam à beira de um rio evocam discretamente o canto fatal das sereias; um pregador violento associado ao Ku Klux Klan surge como uma espécie de criatura monstruosa saída do imaginário coletivo. Os Coen nunca sublinham demasiado estas correspondências, preferindo deixá-las insinuadas, como pequenas piscadelas de olho a quem reconhece o mapa literário escondido por baixo da narrativa.

Apesar desta base cultural sofisticada, o filme nunca se torna pesado ou pretensioso. Pelo contrário, a sua energia deriva precisamente do contraste entre a ambição da referência e o tom despreocupado da mise-en-scene. Everett, com o cabelo obsessivamente penteado e um discurso cheio de pretensões retóricas, é uma espécie de Ulisses de feira, mais preocupado em manter o cabelo intacto do que em demonstrar verdadeira astúcia. A interpretação de George Clooney joga com esse ridículo com grande precisão cômica: a personagem é simultaneamente arrogante, sedutora e profundamente absurda.

A América que o filme retrata é igualmente uma construção estilizada. Longe do realismo histórico, como aliás já o tinham feito noutros filmes como “The Hudsucker Proxy”, os Coen criam um Sul quase mítico, composto por estradas poeirentas, campos intermináveis e pequenas cidades suspensas no tempo, sul esse que viriam a revisitar na sua versão de “The Ladykillers”. A fotografia de Roger Deakins contribui decisivamente para essa atmosfera. O tom amarelado e poeirento da imagem, conseguido através de um processo na altura pioneiro de correção digital de cor, dá à paisagem uma qualidade quase fantasmática, como se tudo estivesse envolto numa memória antiga ou numa balada popular transmitida de geração em geração. Mas o verdadeiro coração do filme encontra-se na música. A banda sonora, produzida por T Bone Burnett, tornou-se um fenómeno cultural por direito próprio, recuperando e popularizando um repertório de folk, gospel e bluegrass profundamente enraizado na tradição do Sul americano. Canções como “Man of Constant Sorrow”, interpretada no filme

pelo improvisado trio “The Soggy Bottom Boys” que acaba por ganhar inesperada notoriedade, funcionam não apenas como números musicais, mas como elementos narrativos que acompanham a errância das personagens.

Nesse sentido, “Irmão, Onde Estás?” é também um filme sobre a própria formação da identidade cultural americana. A viagem dos protagonistas atravessa uma paisagem onde política, religião, música e espetáculo se misturam constantemente. Há governadores populistas que cantam em campanha, multidões que se deixam levar por refrões simples e uma nascente indústria radiofônica que começa a transformar tradições locais em fenômenos de massas. O filme sugere, com humor e sutileza, que a cultura popular americana nasceu precisaente deste cruzamento improvável entre folclore, oportunismo e talento improvisado.

Como em muitos filmes dos Coen, a narrativa parece avançar menos por lógica dramática tradicional do que por uma sucessão de episódios quase autônomos. No entanto, essa estrutura fragmentária revela-se perfeitamente coerente com o espírito da história: estamos perante uma verdadeira odisseia errante, feita de desvios, coincidências e encontros inesperados. O acaso desempenha aqui um papel quase mitológico, como se forças invisíveis continuassem a conduzir os viajantes por caminhos que eles próprios não compreendem.

“Irmão, Onde Estás?” acaba assim por ser um dos filmes mais singulares da filmografia dos Coen: um filme simultaneamente erudito e profundamente popular, capaz de dialogar com Homero e com a tradição musical do Sul dos Estados Unidos sem nunca perder o sentido de humor. É uma comédia que avança com a leveza de uma balada folk, mas cuja construção revela uma inteligência formal notável.

Frederico Corado



IRMÃO, ONDE ESTÁS?

Título original: O Brother, Where Art Thou?

Realização: Joel Coen (EUA, Reino Unido, França, 2000; Ethan Coen não creditado); Argumento: Joel Coen, Ethan Coen, inspirado na Odisseia de Homero; Produção: Ethan Coen; Produção executiva: Tim Bevan, Eric Fellner; Produção associada: Robert Graf; Música: T Bone Burnett; Fotografia (cor): Roger Deakins; Montagem: Roderick Jaynes (pseudónimo de Joel e Ethan Coen), Tricia Cooke; Casting: Ellen Chenoweth; Design de produção: Dennis Gassner; Direcção artística: Richard L. Johnson; Decoração: Nancy Haigh; Guarda-roupa: Mary Zophres; Maquilhagem: Gail Rowell-Ryan, Toni G; Assistentes de realização: Thomas Johnston, Jery Hewitt, Robert Graf; Departamento de arte: David Lazan, Dan Webster, Chris Farmer, John Dexter, Mark Garner; Som: Skip Lievsay, Peter F. Kurland, Michael Barry, Greg Orloff, Sean Garnhart; Efeitos visuais: Cinesite; Companhias de produção: Touchstone Pictures, Universal Pictures, StudioCanal, Working Title Films, Blind Bard Pictures;

Com: George Clooney (Ulysses Everett McGill), John Turturro (Pete Hogwallop), Tim Blake Nelson (Delmar O'Donnell), John Goodman (Big Dan Teague), Holly Hunter (Penny Wharvey-McGill), Charles Durning (Pappy O'Daniel), Michael Badalucco (George “Baby Face” Nelson), Chris Thomas King (Tommy Johnson), Daniel von Barga (Sheriff Cooley), Wayne Duvall (Homer Stokes), Ray McKinnon (Vernon T. Waldrup), Lee Weaver (Blind Seer), Ed Gale (Little Man), Frank Collison, Stephen Root, Mia Tate, Musetta Vander, Christy Taylor, etc.

Duração: 107 minutos; Classificação etária: M/12 anos;

Data de estreia em Portugal: 30 de março de 2001

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 13 DE ABRIL DE 2026

Masterclass “Polícias e Ladrões- O Cinema à Lei da Bala”, 21H00 (entrada livre)

“48 HORAS”, de Walter Hill (1982)